

Para Piotr Cieplak

«Acorda, rapariga.

A tua cabeça está a transformar-se na almofada.»

– *Eleanor Ross Taylor*

UM

DOIS

TRÊS

Nunca ninguém me avisou em relação aos espelhos, pelo que durante muitos anos gostei deles e acreditei que fossem de confiança. Escondia-me dentro deles, pondo dois espelhos virados um para o outro, de modo que, quando me posicionava entre ambos, era refletida infinitamente nos dois sentidos. Muitos, muitos eus. Quando me punha em bicos de pés, ficávamos todas em bicos de pés, a tentar espreitar a primeira de nós e a última. O efeito era estonteante, uma cadência vasta, não propriamente com vida; assemelhava-se mais ao funcionamento de um autómato. Senti o reflexo perto do meu ombro, como um toque. Estava mais do que familiarizada com ele, à semelhança de qualquer outra palerma demasiado só para conseguir ser exigente no que diz respeito a quem escolhe como companhia.

Os espelhos mostravam-me que eu era uma rapariga com um rabo de cavalo louro esbranquiçado que lhe caía sobre um ombro; sobrancelhas e pestanas da mesma cor; porém, os olhos quase pretos; e um desses tipos de rosto que algumas pessoas apelidam de «duro» e outras de «estrutura óssea elegante». Não era inusitado da minha parte usar um lenço à volta da cabeça e passar a tarde a fingir ser uma freira de outro século; tinha a testa suficientemente alta. E a minha tez é imprevisível, passando de quase pálida a ruborizada e depois novamente a pálida, tudo sem autorização da minha parte. Continua a haver dias em que só sei se estou aborrecida ou em que não olho para o meu rosto.

Saí-me bem na escola. Refiro-me à forma como os rapazes reagiam em relação a mim; aliás, uma vez que uma teimosia qualquer me fez

passar a maior parte das aulas a fingir que assimilava muito menos informação do que de facto assimilava. De vez em quando, um professor ficava desconfiado com um trabalho que eu tinha entregado e obrigava-me a ficar depois das aulas, para me interrogar. «Tens tido... ajuda de alguém?» Eu limitava-me a abanar a cabeça e a afastar a cadeira para o lado, para evitar o brilho intenso do candeeiro de secretária que o professor tentava quase sempre apontar aos meus olhos. Há qualquer coisa no facto de uma rapariga como eu escrever um trabalho com nota 20 que transforma os professores em autênticos agentes de polícia. Prefiro mil vezes ser avaliada pelos meus pares do sexo masculino. Quatro em cada cinco ignoravam-me ou eram repugnantemente simpáticos, dessa maneira com que os rapazes simpáticos tendem a lidar com a rapariga mais desinteressante que conhecem. Mas só quatro em cada cinco. O quinto tinha tendência para perder a compostura por um motivo qualquer e para me seguir para todo o lado com as mais extraordinárias súplicas e ofertas. Como que obcecado. As minhas colegas recebiam bilhetes «anónimos» que diziam coisas como: *Ora bem... estou caidinho. Provavelmente porque tenho olhos e ouvidos. Vejo-te (esses olhos, esse sorriso), e, quando te ris... Pois, fico caidinho. Não costumo ser assim tão sincero, por isso não deves fazer ideia de quem sou. Mas vou dar-te uma dica... faço parte da equipa de futebol. Se quiseres arriscar, amanhã usa uma fita azul no cabelo e eu depois acompanho-te a casa.*

Os bilhetes que eu recebia eram mais... atormentados. Mais do género «deixas-me completamente louco». Não que me preocupasse muito com isso. Porque haveria de me preocupar, quando tinha o meu negociozinho à parte? Os rapazes pagavam-me para escrever bilhetes às raparigas em nome deles. Confiavam em mim. Estavam convencidos de que sabia o que dizer. Limitava-me a escrever o que achava que esta ou aquela rapariga queriam ouvir e, em troca, recebia notas de dólar. Os bilhetes que as minhas amigas me mostravam não eram da minha responsabilidade, mas eu mantinha o negócio em segredo, pelo que imagino que, se mais alguém tivesse um negócio semelhante, teria sido igualmente discreto.

Quando o meu cabelo começou a escurecer, pus-lhe água oxigenada.

No que diz respeito à personalidade, a minha foi-se desenvolvendo nas calmas. Eu não interfeiri — estava lá tudo nos espelhos. Imagine o leitor que nasceu no Lower East Side de Manhattan em 1930 e pouco. Imagine que o seu pai é exterminador de ratazanas. (A sua mãe, ausente, nunca é mencionada, a ponto de o leitor inventar a teoria de que é fruto de geração espontânea.) O interior da casa onde cresce é em tons laranja-claro e castanho-ferrugem; ao amanhecer e ao entardecer, as sombras movem-se como mãos por trás das cortinas — silhuetas de homens com o cabelo ondulado cheio de brilhantina reunidos na esquina da rua que cantam as suas amadas numa harmonia a sete vozes, o elétrico que sussurra ao longo dos carris, a senhora Philips, da casa ao lado, que sacode os tapetes. O seu pai é um homem antiquado; mata ratazanas com um método que o avô lhe ensinou. Isto significa que há gaiolas pequenas na cave — por norma, e no mínimo, sete de cada vez. Cada gaiola contém uma ratazana, deitada, que emite um som que é um misto de chilreio e de bater de dentes: *lac lac lac lac, crrr crrrrr crr*. A cave cheira a suor; as ratazanas estão em pânico e esganadas de fome. Emitem esses sons, e depois o leitor vê-lhes buracos nas patas e nos lombos — estão sozinhas nas gaiolas e a única coisa que o seu pai faz, no princípio, é dar-lhes água, pelo que, segundo a lógica, são as ratazanas que estão a fazer os buracos, comendo-se a si próprias. Quando o seu pai está prestes a sair para ir trabalhar, desce à cave, escolhe uma gaiola e arranca os olhos à ocupante desta. As ratazanas cegas e esfomeadas são as melhores a matar as outras ratazanas, é o que diz o seu pai. Ele põe três ou quatro gaiolas na bagageira do carro e vai-se embora. Regressa ao fim da noite, com o serviço feito. Deve fazer muito dinheiro; trabalha para fábricas e armazéns, e eles gostam dele, porque é muito escrupuloso em relação à limpeza que se segue.

E é assim o papá. As mãos mais limpas que alguma vez verá em toda a sua vida. É capaz de lhe dar um soco nos rins, por trás, ou de

lhe dar uma palmada na nuca e afastar-se, rindo-se à socapa, enquanto o leitor esperneia no chão, estupefacto. Faz o mesmo à amiga, que mora convosco, até que começa a ir-lhe à cara. Ela aturará muita coisa, menos isso. Um dia, deixa um bilhete debaixo da sua almofada. Diz: *Ouve, desculpa. Para que saibas, acho que mereces melhor. Cuida de ti.*

Não fica muito aborrecido com a partida dela, mas questiona-se a quem é que irá roubar *Lucky Strikes* agora. Já tem 15 anos e é um miúdo nervoso. Não sorri quando lhe sorriem — tem a plena noção de que as pessoas podem faltar-se de sorrir e ainda assim serem umas canalhas. Uma das suas primeiras recordações é estar com a cabeça pousada no lavatório — esteve a lavar a cabeça e teve de fazer uma pausa, porque quando o seu cabelo está molhado fica tão pesado que não consegue levantar a cabeça sem fazer tremer o pescoço. Por isso está a descansar e a dita mão limpa desce sobre si vinda do nada e segura-lhe a cabeça debaixo de água até que o leitor desmaia. Acorda estendido no chão da casa de banho. Sente um ardor nos pulmões que aumenta à medida que tosse, e o exterminador de ratazanas há muito que se foi embora. Foi trabalhar.

O que é que a personalidade tem que ver com tudo isto? Apenas isto: sempre tive a certeza de que seria capaz de matar alguém se tivesse de o fazer. A mim próprio ou ao meu pai — a opção que provasse ser a mais prática. Não mataria por ódio; fá-lo-ia apenas para resolver um problema. E só depois de outras soluções terem falhado. Esse tipo de limite ou está presente na nossa personalidade ou não está, e, tal como já disse, desenvolve-se bem cedo. O meu reflexo acenava-me ao de leve com a cabeça, de tempos a tempos, mas nunca me dizia no que estava a pensar. Não havia necessidade.

Alguns professores perguntaram-me se queria ir para a universidade, mas respondi-lhes: «Não tenho dinheiro para isso.» Na verdade, tinha quase a certeza de que o exterminador de ratazanas tinha posses para tal, mas não queria ter nem essa nem outra conversa qualquer com ele. Batia-me quando uma das ratazanas enjauladas lhe mordida. Batia-me quando eu pronunciava uma palavra de uma maneira que

o levava a pensar que me estava a armar em superior. (Disse-me que a diferença entre ele e as outras pessoas era que as outras pessoas tinham vontade de me dar um pontapé nas canelas sempre que eu empregava uma palavra cara, mas ele passava do pensamento à ação.) Batia-me quando não me encolhia assim que me levantava a mão, e batia-me quando me encolhia. Bateu-me quando o Charlie Vacic apareceu lá em casa para lhe pedir respeitosamente autorização para me levar ao baile de finalistas. Lembro-me de que deu início a essa tarefa em particular de uma forma indireta, aproximando-se de mim com uma caçarola na mão e largando-a em cima do meu pé. Havia quase um elemento de comédia naquilo. De repente fiquei com a ideia de que, se me risse ou lhe perguntasse «Já acabaste?», ele pararia. Mas não tentei rir-me, com receio de o fazer demasiado cedo ou demasiado tarde.

Houve alturas em que julguei que o exterminador de ratazanas estava a ponto de me fazer ir desta para melhor. Por exemplo, na manhã em que me mandou descer à cave e cegar rapidamente algumas ratazanas antes de ir para a escola. Respondi-lhe NEM PENSAR e, no meu íntimo, preparei-me para ver estrelas. Mas ele não fez nada, limitando-se a apontar para a minha roupa e a dizer: «Foram as ratazanas que pagaram isso.» Depois apontou para os meus sapatos e disse: «Foram as ratazanas que pagaram isso», e apontou para a comida em cima da mesa e disse: «Foram as ratazanas...»

Imitou-as: «Crrrr. *Lac Lac Lac Lac.*» E riu-se.

A imprevisibilidade do seu punho não significava que fosse louco. Longe disso. Às vezes ficava incrivelmente embriagado, mas nunca a ponto de parecer não saber o que fazia. Estava a tentar treinar-me. Para o quê, não faço ideia. Nunca descobri, porque fugi logo depois de ter feito 20 anos. Quem me dera saber por que razão demorei tanto tempo. Ele nem sequer me tinha batido nessa noite. Sentou-se na poltrona, para dormir logo a seguir ao jantar, como de costume. Observei-o e acordei — pura e simplesmente, acordei. Ele estava a dormir muito tranquilo, com um leve sorriso nos lábios.

Não tinha noção do mau que era. Jamais a terá, e o mais certo é que nem sequer desconfie.

Os meus pés levaram-me para o meu quarto enquanto pensava naquilo. Depois dei um pontapé no meu colchão, em jeito de despedida. Não levei muita coisa comigo, porque não tinha muita coisa. Havia apenas uma coisa mesmo importante na minha mala: uma bandeira que o Charlie Vacic tinha embrulhado à volta dos meus ombros quando estávamos a ver o fogo de artifício no Dia da Independência, na Herald Square. Dissera-me que era um empréstimo, mas nunca me pedira que lha devolvesse. Desde que tinha entrado para a faculdade de Medicina que as pessoas se referiam a ele como se tivesse morrido, mas era o mesmo Charlie de sempre — escrevera-me do norte do estado e falara da bandeira, e da dita noite. Eu respondera-lhe que continuava a guardar a bandeira por ele. Ocupava bastante espaço no meu saco, mas não a podia deixar lá com o exterminador de ratazanas.

A verdade é que procurei a chave da cave, mas não a encontrei. Seja como for, é complicado precisar o quão agradável teria sido libertar todas aquelas ratazanas depois de não ter feito nada enquanto morriam à fome.

Por três vezes abri e fechei a porta da frente, testando a profundidade do sono do exterminador de ratazanas, tentando fazer o mínimo barulho possível. À terceira tentativa, ouvi-o mexer-se na poltrona e murmurar algo. Na quarta vez em que abri a porta, não tive coragem de a fechar atrás de mim, e limitei-me a fugir. Duas raparigas que brincavam ao jogo da macaca à porta da Three Wishes Bakery viram-me aproximar e saíram do meu caminho ao pé-coxinho. Corri durante seis ou sete quarteirões, a rua era uma longa linha dançante de tijolo e campainhas de bicicleta, de chapéus e meias de senhora, parando somente para virar nas esquinas quando os semáforos não me davam passagem. Corri tão depressa que não sei como é que não perdi os sapatos. Um autocarro até à outra ponta da cidade e depois uma viagem de metro até à Autoridade Portuária. «Nervosa» é dizer pouco. Fiz a viagem de autocarro de pé, praticamente ao lado

do condutor, olhando para trás de nós, para a frente, e o meu coração estava agitado como uma sopa que ainda borbulha, e tinha as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos, para que ninguém me agarrasse pelas mangas. Estava preparada para ver aparecer o exterminador de ratazanas. Mais do que preparada. Sabia o que faria. Se ele tentasse agarrar-me pelo cotovelo, se tentasse virar-me para ele, armar-me-ia em valentona e dar-lhe-ia uma cabeçada na testa. Mantive-me alerta até chegar à Autoridade Portuária, onde a prioridade passou a ser não me deixar espezinhar.

Não estava nada à espera daquele tipo de algazarra. Se tivesse tido mais tempo, ter-me-ia deixado ficar completamente imóvel, com os olhos fechados e as mãos a cobrirem-me os ouvidos, à espera de uma oportunidade para dar um passo em direção à bilheteira sem ser empurrada ou sem que me gritassem. As pessoas subiam para o último autocarro como se não houvesse amanhã — era como se o desgraçado que ainda estivesse na plataforma quando soasse a meia-noite pudesse transformar-se numa abóbora. Fui empurrada para dentro do autocarro por um grupo particularmente vigoroso de sete pessoas — uma família, penso eu —, e depois fui empurrada para fora do autocarro presa às dobras do sobretudo de um homem qualquer que corria para a bilheteira para tentar descobrir o destino daquele último autocarro. Avistei o exterminador de ratazanas na fila da bilheteira, comprido e alto e inabalável, com quatro pessoas à sua frente, e puxei o colarinho do casaco por cima da cabeça. Vi o exterminador de ratazanas emergir de um táxi e caminhar na minha direção, com as veias a latejar-lhe nas fronteiras, com ar de poucos amigos. Dei meia-volta e vi novamente o exterminador de ratazanas, a esmurrar o vidro do autocarro, a tentar encontrar-me entre os passageiros. Ora bem, ele não estava realmente lá, mas isso não era motivo para me descontrair — seria mesmo típico dele aparecer, aparecer a sério, quero dizer, uns segundos depois de eu ter baixado a guarda. Vi-o pelo menos vinte vezes, direito a mim vindo de todas as direções, antes de alcançar o guiché. E quando por fim lá cheguei, o tipo que estava ao balcão disse-me que iam fechar.

— Quando é que voltam a abrir?

— Às seis da manhã.

— Mas eu tenho de me ir embora esta noite.

Ele era essencialmente um imbecil. «Imbecil» não é uma palavra que empregue com frequência. Não ando por aí a dizer «Ele/Ela é um/uma imbecil». Mas aquele tipo era qualquer coisa de especial. Lá estava eu, a olhá-lo nos olhos através do vidro, ao mesmo tempo que chorava copiosamente, e lá estava ele, a afagar o bigode, como se este fosse uma criatura pequena e rabugenta. Vendeu-me um bilhete cinco minutos antes de o autocarro partir, e só o fez porque lhe dei mais cinco dólares. Fui acometida de um acesso de sarcasmo quando ele aceitou o dinheiro, mas certifiquei-me de que já tinha o bilhete na mão quando lhe respondi:

— Você é o meu herói.

Iria até à última paragem, por ser a mais afastada — o bilhete dizia que a última paragem era Flax Hill, e eu nunca tinha ouvido falar em tal lugar.

— Flax Hill? Onde é que disse que isso ficava?

— Na Nova Inglaterra — respondeu o meu herói. — Vais perder o autocarro.

— Mas onde na Nova Inglaterra? Quer dizer... em que estado? No Vermont ou quê?

Ele estudou-me com os olhos semicerrados, ao mesmo tempo que decidia a melhor forma, a mais infalível, de me irritar.

— Ou quê — respondeu-me.

Fechou as persianas da bilheteira e eu saí dali a correr. Já só havia dois lugares no autocarro — um ao lado de um idoso e o outro ao lado de uma mulher de cor que dormia com a cabeça encostada à janela. O homem cheirava ligeiramente a urina, pelo que fui sentar-me ao lado da mulher, que abriu os olhos e me perguntou se era preciso levantar-se, e depois acenou com a cabeça e tornou a adormecer quando lhe respondi que não. Parecia completamente exausta.

Do outro lado do corredor, um bebé começou a berrar e a mãe embalou-o em cima dos joelhos, tentando acalmá-lo, para que se portasse bem. Mas a berraria continuou, primitiva, quase satisfeita – o protesto era justificado. Eu não conseguia precisar se o bebé era menino ou menina; as únicas certezas eram o pouco cabelo e a raiva incandescente. A criança não gostava da manta, da roca, do colo em que estava sentada, nem do mundo... tinha chegado o momento de exigir qualidade. E a coisa continuou até que a mãe, que até então tinha estado a fitar o vazio, pareceu despertar de repente e lançou um olhar particularmente furioso à cria, a par da seguinte informação:

– O meu bebé não se porta desta maneira. – O bebé, que pareceu ter sido apanhado de surpresa, deu meia dúzia de soluços e calou-se.

Apertei cuidadosamente aquele meu bilhete talismã entre as mãos até que o autocarro saísse da estação, apesar de no fundo não haver maneira de o exterminador de ratazanas ter adivinhado onde é que eu me encontrava. Jamais lhe ocorreria que saísse do estado. Talvez nem sequer me procurasse com muito afinco. Talvez se limitasse a encolher os ombros e a pensar: *Bem, é menos uma despesa.* (Na verdade, eu sabia que ele iria ficar absolutamente furibundo – quase o ouvia a gritar: «Sou um EXTERMINADOR DE RATAZANAS. Desgraçado nenhum me escapa, nem a minha filha!») «Não penses na cara dele» – Flax Hill, Flax Hill. Com um nome como esse, o mais certo era estar a viajar para uma região rural. Luar, palha, vacas a ruminar e a trocar uns mugidos longos, dialogantes. Era uma hipótese que me deixava apreensiva. Mas estava recetiva à mudança. Tinha de estar.

O meu saco não se portou nada mal como almofada. Escutei o rodar dos pneus do autocarro sobre a estrada, constatei que fugir de casa passava a ser canja a partir do momento em que se tinha tomado essa decisão e adormeci com os membros cuidadosamente posicionados, para não tocar nos da pessoa ao meu lado.

Nevava quando saí do autocarro em Flax Hill. Não era uma neve normal, mas também não era propriamente um nevão. Era assim: a neve caía com força, pousava durante um minuto e depois o vento soprava-a — ou melhor, fazia-a rebolar — até encontrar outro alvo. Num minuto estávamos cobertos de neve, e no minuto seguinte ela voava velozmente para os lados, como se um gigante invisível e ativo sentisse pena de nós e nos sacudisse. Então, logo que recuperávamos o fôlego, um efeito bumerangue voltava a transformar-nos em bonecos de neve. Só conseguia ver alguns passos à minha frente e cerca de um passo atrás de mim. Quando um par de faróis me fez uma tangente ao cotovelo, saí da estrada e comecei a seguir as vozes de duas mulheres encolhidas debaixo de um chapéu de chuva partido, sobretudo porque as tinha ouvido referirem-se à senhoria. Precisava de encontrar uma senhoria. Qualquer senhoria seria boa. Mantive-me perto das raparigas do chapéu de chuva, mesmo quando a neve as escondeu durante uns segundos e comecei a duvidar que fossem reais, mesmo quando seguiram por aquilo a que chamaram «o atalho», sobre os trilhos de ferrovia abandonada cobertos de relva e atravessando um túnel escuro como breu — senti vômito atrás de vômito, por causa do cheiro. Coisas mortas e ovos podres. Insetos caíam-me nos ombros, hesitantes, como se se interrogassem se já nos teríamos cruzado antes. Em mais do que uma ocasião, tive a certeza de que estávamos a ser perseguidas pela própria escuridão. Mas se as raparigas do

chapéu de chuva eram capazes, eu também seria. Por duas vezes pararam de andar e gritaram:

– Ei, está aí alguém?

Deixei-me ficar para trás, mantive a boca fechada e pensei: «É bom que esta senhoria valha a pena.» Assim que chegámos à outra extremidade do túnel, as raparigas do chapéu de chuva começaram a rir-se e a acusar-se uma à outra de serem umas medricas. É claro que aquilo me fez pensar nas vezes em que tinha estado às escuras e sentido que havia ali mais alguém, mas mentalizara-me sempre de que estava enganada. O mais certo era que, nove em cada dez vezes, alguém ali tivesse realmente estado.

Quando por fim as raparigas do chapéu de chuva transpuseram a porta de um edifício elegante e estreito feito de tijolo vermelho, caminhei de um lado para o outro diante dele durante alguns minutos depois de a porta ter sido fechada; interrogava-me sobre a história que haveria de contar. Mas não sabia o nome da senhoria, e estava demasiado frio para conseguir pensar. Bati à porta e consegui entrar e pedir para falar com a dona da casa, sem tremer muito. Ela tinha o cabelo cinzento-azulado, uma figura elegante e uma expressão facial do género «Ó filha, eu cá já vi de tudo» que lhe servia de base para todas as outras expressões, da divertida à irritada.

Eu disse:

– Ouvi dizer que é senhoria. Por favor, não me diga que ouvi mal. – E depois fiquei sem vocabulário. Ela mandou-me sentar no sofá, pôs-me almofadas em cima até que eu ficasse só com a cabeça de fora e depois mandou vir sopa e cobertores. Era a senhora Lennox e tinha nascido e crescido em Flax Hill – «Um produto genuíno do Massachusetts.» Contou-me que nunca tinha perdido um potencial inquilino, e as raparigas, que tinham ido buscar a sopa e os cobertores, confirmaram as suas palavras.

– E também não se mete na nossa vida – acrescentou uma delas. (O que veio a provar-se verdadeiro. Não era pessoa com quem nos cruzássemos; era preciso agendar, para se poder falar com ela.)

As raparigas não tinham cruzado informação e por isso havia quatro tigelas e sete cobertores. Vi isso como um sinal de que era bem-vinda e disse «Obrigada» umas cinquenta vezes seguidas, até que alguém indicou, em jeito de brincadeira, que era apenas uma sopa.

Nos dias que se seguiram, tentei identificar as raparigas do chapéu de chuva pelo som das suas vozes, uma vez que era tudo o que conhecia delas. Mas quinze mulheres a morar juntas tendem a falar da mesma maneira. Podiam ter sido quaisquer outras duas as que me guiaram para longe da neve.

Quanto a Flax Hill em si, nos primeiros meses a nossa relação esteve tremida. Nenhuma de nós sabia ao certo se eu queria mesmo ficar por lá. Por essa razão, a cidade portava-se um bocado mal, desmoronando-se quando eu adormecia e reconstruindo-se às três pancadas todas as manhãs; passava constantemente por bancos de jardim, por cabinas telefónicas e por entradas de becos que tinha a certeza absoluta de que não existiam na noite da véspera. O meu quarto na pensão era do mais barato que havia, e, na verdade, deram-me aquilo por que paguei. Uma cama estreita, vigas baixas nas quais batia constantemente com a cabeça e a vista sobre uma paragem de autocarros de aspeto degradado (o letreiro era ilegível). Não havia uma cadeira no meu quarto, na qual me pudesse sentar, nem espelho, pelo que tinha pequenas conversas comigo própria enquanto lavava o rosto na casa de banho ao fundo do corredor — «Ouvi dizer que ela anda com um criminoso», sussurrei, repetindo coisas que tinha ouvido quando devia ter estado longe do alcance da voz. «Não, é uma atriz que está a estudar para o seu próximo papel. Acredita, já vi isto antes.» A mulher no espelho piscou-me o olho, disse-me que em breve a situação seria esquecida e mandou-me para a cama sozinha.

Sonhei com ratazanas. Falaram comigo. Chamaram-me «prima». E sonhei que tinha sido capturada, sonhei com fumo sedativo, com alcatrão, com cola e com luzes estranhas do tamanho do Sol que passavam do vermelho ao verde tão depressa que nem tive tempo

para reagir. Então o exterminador de ratazanas agarrou-me pela cauda. Mostrou-me numa conferência e respondeu a perguntas sobre os meus hábitos. Foi agraciado com uma medalha, e eu era completamente contra tudo aquilo, mas estava morta. Acordava com as duas mãos a tapar o nariz, que se contorcia violentamente e parecia ser a parte mais fria do meu corpo após esses sonhos. Sentia um sabor a sal, e era assim que ficava a saber que tinha chorado durante o sono. Acho que tinha saudades de casa. Muitas. Não fazia qualquer sentido, mas tinha imensas saudades de casa.

Havia três coisas muito pouco aceitáveis em relação à minha pessoa – a primeira, o facto de ser de Manhattan.

«O que é que uma rapariga de *lá* está a fazer *aqui*?»

O segundo problema era o meu nome.

«É Rapaz.»

«Ah, sim. Que engraçado. E com que nome foste registada?»

«Já te disse: Rapaz. Rapaz Novak.»

«Caramba...»

«Podes crer.»

O terceiro problema era não ter trazido nenhuma competência comigo. Flax Hill é uma cidade de especialistas, e se alguém aparece numa cidade como aquela sem nada, com exceção de uma vontade de pôr mãos à obra, essa pessoa que não pense que lhe vão facilitar a vida. No início, tudo o que as pessoas pareciam querer saber sobre mim era *porquê*. Porque é que não tinha jeito para nada? Saí várias vezes em encontros amorosos a pares com uma rapariga chamada Veronica Webster, que morava no piso por baixo do meu. À semelhança das outras inquilinas, andava com os seus bilhetes da casa de penhores dobrados dentro de um medalhão antigo que usava à volta do pescoço. Ao contrário das outras inquilinas, tinha um quarto agradável com lareira e organizava festas de chocolate quente, mas tínhamos de levar o nosso próprio chocolate quente. A Webster era 70 por cento porreira e 30 por cento chata, uma dessas mulheres

apagadas que ganham vida na presença de um homem, após o que se tornam irresistivelmente animadas. Usava um penteado igual ao da Mamie Eisenhower, mas com a franja mais comprida, e saía três noites por semana, uma delas com o Ted Murray, o seu par habitual não-oficial. Eu tinha a sensação de que devia tentar convencê-la a afastar-se do Ted. Primeiro, ele deixava gorjetas forretas, incapaz que era de lhes arredondar o valor, e isso para mim era um mau presságio. A outra coisa era o facto de uma vez nos termos reunido todos em casa dele para uns aperitivos antes do jantar e ele ter na parede um retrato a óleo muito colorido do Lincoln – fruto de um desses kits para pintar com números que se recebem pelo correio, de certeza absoluta. Ia-me dando uma coisa, ali especada a olhar para aquele nobre perfil reproduzido em tons castanho-avermelhados. Nunca mais quero voltar a ter aquela sensação. Era o Lincoln! Não se pode fazer uma coisa daquelas ao Lincoln.

Quando regressámos à pensão, eu disse à Webster:

– Então e... o que me dizes daquele retrato do Lincoln na sala do Ted?

Ela encolheu os ombros:

– Ninguém é perfeito. Seja como for, não sei como é contigo, mas um homem que admira o Lincoln é cá dos meus.

Respondi-lhe, num tom sombrio:

– Ah, mas e será que admira... será que admira? – E deixei a coisa ficar assim. Não me competia fazer ondas. O meu papel era entreter o amigo do Ted. O nome desse amigo era Arturo Whitman, e ele e o Ted eram uma equipa – o Ted vendia as peças de joalheria que o Arturo fazia. Dava para perceber por que razão o Arturo não era grande vendedor; era um homem corpulento e desgrenhado, e um bocado bruto. Costumava derrubar-nos os copos de vinho quando esbracejava demasiado ao falar dos paralelismos entre Robespierre e McCarthy. Tinha os olhos castanho-amarelados com as pálpebras descaídas, e não tinha muito jeito para dançar, mas eu não conseguia evitar gostar quando me segurava nos braços.

Certa noite, enquanto o Ted e a Webster roçavam os pés um no outro por baixo da mesa e conversavam sobre a Guatemala (o Ted descrevia as zonas onde tinha estado e a Webster fazia comentários do tipo «Deve ser fantástico!» e «Que inveja!» e «Um dia gostava de ir lá, Teddy...»), eu e o Arturo estávamos sentados a contemplar a chuva que envolvia a janela num véu trémulo. Ouvi as gotas de chuva dizerem: «Tenho uma filha. Usa botões de amarílis vermelhos no cabelo»; foi então que percebi que era o Arturo que estava a falar.

Olhei por sobre a mesa. Ele esboçou um sorriso. Não para mim, mas para a janela, como se a visse lá.

— No mês passado foram miosótis — disse-me. — E antes disso foram perpétuas amarelas.

— Aposto que é linda. — O comentário mais seguro que me veio à cabeça.

— Chama-se Neve — disse-me, como se com isso explicasse tudo. Consultou o relógio de pulso. — A avó dela deve tê-la deitado há uns dez minutos.

— Ainda é cedo. Que idade tem?

Ele franziu o sobrolho:

— Faz seis anos amanhã.

— Ah. O tempo está a passar muito depressa, é?

— Não, está... normal. A prenda de aniversário que me pediu é que é quase impossível de fazer acontecer.

— Deixa-me adivinhar: um pónei.

— Quem me dera. Tens mais duas hipóteses.

— Hum... um objeto encantado. Uma lâmpada com um génio lá dentro, qualquer coisa do género.

— Não propriamente — respondeu-me, após hesitar uns instantes.

O palpite seguinte era inapropriado, eu sabia-o, mas estava demasiado curiosa para não arriscar:

— Uma mãe.

Ele olhou-me fixamente:

– Tens jeito para isto.

– É que... disseste que era praticamente impossível de concretizar.

– Pois.

Fechou a boca depois de proferir aquela única palavra. Calculei que só continuasse a participar nos nossos encontros porque o Ted o andava a chantagear – parecia sempre muito aliviado quando chegava a hora de voltar para casa. No degrau da entrada da pensão parti um cigarro ao meio, acendi a metade da Webster e depois a minha, para podermos dar umas passas rápidas antes de entrarmos em casa. A mulher do Arturo tinha morrido uma semana depois de ter dado à luz a filha, contou-me a Webster. Complicações durante o parto. Na altura ele era professor de História na Universidade de Boston. Mas tinha pegado na Neve e tinha partido, mas o destino era algo que ele continuava a não revelar a ninguém. Onde quer que tenha sido, aprendera a trabalhar o metal; ao voltar, dois anos mais tarde, montara uma oficina em casa.

– Como é que se chamava a mulher dele?

– Julia, acho eu.

– Não tens a certeza?

– Ele não costuma falar dela.

– E já conheceste a criança?

Eu tinha acabado a minha metade de cigarro antes dela, e a Webster sorriu ao mesmo tempo que soprou o fumo mesmo ao pé da minha orelha.

– Quem, a Neve? Claro. É um amor.

Houve um mal-entendido entre mim e o Arturo. Um mal-entendido implícito. E como é que se corrige isso? Aconteceu em casa do Ted, quando tinha ficado petrificada ao ver aquele retrato pavoroso. Fiquei parada diante daquilo mais tempo do que aquele em que olhei realmente para ele. O tempo tinha continuado a passar e eu estava virada diretamente para o retrato, mas sem o ver. Se alguém me tivesse perguntado o que é que via nele, não teria

sido capaz de responder. Era quase como se me tivesse ausentado da sala. Digo «quase» porque ouvia o Ted a fazer o possível para desvalorizar a ideia da Webster para a sua indumentária do Dia das Bruxas.

– Este ano... Estão preparados? Este ano, vou mascarar-me de «Coração Revelador».

– E como é que propões vestir-te de coração?

– Oh, pinto-me toda de vermelho e uso um chapéu vermelho, palerma. E depois revelo coisas.

– Isso é demasiado críptico. Seja como for, o coração revelador não batia tremendamente alto?

– Oh, isso não é propriamente complicado. Posso bater tremendamente alto agora mesmo, se quiseres.

– Estás à vontade.

– Pum-pum – começou a Webster, numa voz profunda. – Pum-pum, pum-pum.

Eu sorria. Os meus olhos tornaram a focar-se e foi isso que vi – um rosto que reconhecia, a sorrir-me. Tinha estado a contemplar-me a mim própria no retrato, o tempo todo. O sorriso tornou-se forçado, perscrutei a divisão sem me virar, e lá estava o Arturo Whitman. O seu lado esquerdo, para ser exata. O resto dele estava fora do retrato, mas percebia-se uma expressão de firme desagrado naquele seu olho esquerdo. Parecia convencido de que me tinha apanhado a treinar ser fascinante.

Depois disso passou a ser sarcástico comigo, quando antes tinha sido quase simpático; passou a responder a qualquer observação da minha parte com um «certo», e tornou-se ainda pior uns encontros mais tarde, quando me deixei levar por um transe semelhante para depois despertar e constatar que pelos vistos tinha estado a contemplar o meu sorriso misterioso na parte de trás da colher de sobremesa.

O nosso mal-entendido preocupava-me. Pensei: «Devia falar com ele. Devia dizer-lhe que não se trata de vaidade.» Se fosse vaidade,

teria sido capaz de o disfarçar, aquele sorriso dengoso para com os meus botões. As outras mulheres faziam-no a toda a hora; só que não eram apanhadas em flagrante. Não, os únicos comportamentos que não conseguimos controlar são os causados pelos nervos. Ensaiei uma explicação que parecesse espontânea. Começava com as palavras: «Passa-me aí o tónico para os nervos, Whitman.» Mas não tinha a certeza de que não era a vaidade a influenciar-me. O que eu sabia era que não suportaria se me tentasse explicar de boa-fé e a única resposta dele fosse «certo».

As outras duas noites, eu e a Webster passávamo-las na companhia de solteirões suficientemente jeitosos para que o Ted perdesse a ideia de que a tinha enlaçada, mas não tão jeitosos que o levassem a desistir da competição. Quanto a mim, sabia que estava no bom caminho. Tinha a garantia de três jantares moderadamente caros por semana, incluindo sobremesa, e de que convivia com os habitantes locais. O único preço a pagar era um pouco do meu orgulho. Tinha um vestido adequado para jantar fora, uma peça gira de xantungue vermelho-escuro que tinha deixado de servir à namorada do exterminador de ratazanas. Sempre que ia a um restaurante, esse vestido ia também. Os meus acompanhantes faziam piadas com isso e eu aceitava a chacota com um sorriso afável, mas distante. Quase todos os jovens que conhecia eram aprendizes num ateliê ou numa oficina. Os oleiros arranjavam-se muito bem, mas nunca conseguiam eliminar o barro completamente; apareciam sempre com um pedaço no queixo ou nos pulsos. O meu oleiro favorito, cujo nome agora esqueço, respondeu: «Oh, outra vez não», quando eu lhe disse que tinha barro na testa. Disse-me: «Sabes bem que o barro é muito possessivo.» O seu tom de voz fez-me desejar poder concordar com ele. Na sua opinião, estava a relatar uma verdade absoluta, uma regra de ouro. Portanto, o barro deixa chupões. Quem diria...

Contei o incidente ao Arturo Whitman, só para fazer conversa. Ele encolheu os ombros e disse-me:

– Devias voltar para Nova Iorque.

Contei mentalmente e devagar até cinco, antes de lhe responder:

– Ai devia?

– Sim. – Ele fez estalar os nós dos dedos. Talvez se sentisse algo perro nesse momento, mas, enquanto gesto feito ao mesmo tempo que se diz a alguém que saia da cidade, não me agradou nada.

– E porquê, posso saber?

Ele acabou o seu almoço e começou a comer o meu, metodicamente, sem grande entusiasmo. Não parecia gostar de costeletas de borrego com espinafres.

– Deves ter achado que chegavas aqui e que era tudo fácil. Deves ter pensado que podias aparecer e dizer «Ei, venho da cidade grande» e que toda a gente te faria todas as vontadinhas...

– Importas-te de ir direito ao assunto? – pedi-lhe.

– Está bem – respondeu-me. – Vou ser o mais claro possível. As pessoas de cá fazem coisas bonitas. Estamos interessados no processo, não no resultado final. Agora tu... tu não tens o que é preciso para dar início a esse tipo de processo, quanto mais para o levar a bom porto. É isso. Não há aqui nada para ti.

Olhei-lhe diretamente para os olhos e disse-lhe, devagar:

– Ai não há? – Não me estava a referir a nada em particular; só estava consciente do meu desejo de lhe pregar um susto valente, ali mesmo, durante o jantar, rodeados dos outros clientes da hora de almoço de domingo, famílias jovens felizes e avós a mastigar cuidadosamente a massa do *minestrone* enquanto ouviam os resultados do basebol.

O Arturo manteve-se impávido e sereno:

– O que é que fazias na tua terra, eras modelo de costureira?

– Não – retorqui, admirada por ele estar tão enganado. E também em relação àquela coisa da «cidade grande». Para mim, Nova Iorque não era uma cidade grande. Não era maior do que uma gaiola de ratazana *Novak*. A mais próxima dessas criaturas cegas sabia sempre quando eu estava por perto e virava a cabeça na minha direção ao mínimo movimento, como se a tivesse chamado pelo nome.

— Bem, talvez pudesses fazer esse tipo de trabalho aqui. Conheço alguém que...

— Eu arranjo o meu próprio emprego. Obrigada.

Nessa noite, disse à Webster que ela devia arranjar outra pessoa para os seus encontros a pares. Era uma chatice, mas tinha de ser, expliquei-lhe.

Não tive qualquer dificuldade em desvalorizar a insinuação de que não devia estar em Flax Hill. A cidade despertava uma espécie de memória genética em mim... ao fim de umas semanas, o ar sabia-me a certo. Para ser mais específica, o ar passou a ter um forte sabor a *pálinka*, esse licor intenso de que eu costumava beber tampas cheias às escondidas sempre que o exterminador de ratazanas se esquecia de fechar a sete chaves. Mas agora, ali, fumo transparente emanava da minha alma sempre que inspirava fundo. O sabor à velha terra. É claro que eu sabia que não podia falar disso com ninguém.

Mas o Arturo tinha razão quanto à maneira como Flax Hill funcionava. Varri o chão de ateliês de estilo europeu e vi artigos de luxo em processo de fabrico diante dos meus próprios olhos. Luvas de brocado com meios-tamanhos, para assentarem na perfeição, chinelas *peau de soie* com um brilho platinado, tapeçarias para átrios urdidas com fio tingido artesanalmente, maçanetas de madeira com a forma de tigres em miniatura em pleno salto — os habitantes de Flax Hill faziam todas essas coisas, embalavam-nas em caixas de madeira com a descontracção de quem mexe em ovos de galinha e os enviava para grandes armazéns e para clientes privados de todo o país. A cidade devia ter sido apelidada de Flax Hills, visto estar aninhada entre duas colinas, mas talvez essa fosse a forma de os habitantes locais incitarem uma das colinas a desaparecer dali para fora. As colinas são rodeadas por árvores antigas e escuras com troncos grossos. São tão altas que conferem uma sensação de tranquilidade falsa quando nos pomos debaixo delas; ao olharmos para cima, vemos o vento a ir de encontro aos ramos mais altos, mas ouvimos todo esse alvoroço na distância, se o ouvirmos de todo.

Encontrei homens no meio dessas árvores. Homens de barba empunhando machados e conduzindo carroças, às vezes parando para amarrar melhor os toros de madeira. Os lenhadores não pareciam surpresendidos por me verem. Cumprimentavam-me e apontavam, recordando-me a direção norte, para que não me perdesse. A luz passava por entre a folhagem, líquida em alguns sítios, às vezes detendo-se para pender em longos colares — mas somente por um ou dois segundos, como que ciente de que não seria alvo de muita admiração em Flax Hill.

Havia casas ao longo da estrada que nos devolvia à cidade. Não lhes tinha prestado muita atenção quando caminhava em direção às árvores, mas, à medida que anoitecia, as casas destacavam-se mais. Eram essencialmente estruturas básicas, semelhantes a cabanas, e a grande maioria parecia abandonada, mas avistei uns cortinados às riscas aqui e ali, ou um cesto de basquetebol fixado numa parede exterior, com um quadro de pontuação desenhado recentemente a giz, ao lado. Uma das casas maiores tinha silvas a crescer na parte da frente com os longos caules curvos a fazer lembrar serpentes. Tirando o cheiro a biscoitos com pepitas de chocolate, era uma casa sobre a qual se podiam lançar boatos fantásticos: «Bem, uma princesa dorme lá há centenas de anos...», e por aí fora. A porta da frente estava aberta e a luz do alpendre estava acesa, e uma menina pequena surgiu de um dos lados da casa, a cantar a plenos pulmões. Não lhe consegui ver o rosto muito bem — estava obscurecido por nuvens de cabelo escuro com flores vermelhas nele entrelaçadas —, mas trazia um biscoito grande em cada mão e mais biscoitos nos bolsos do vestido, e senti vontade de transpor a porta, de correr atrás dela, de me ir sentar ao velho piano que se via na sala de estar enquanto ela se punha em bicos de pés para agarrar o copo de leite pousado no tampo. A sua voz soava exatamente como eu esperava. Por uma qualquer razão, isso assustou-me, pelo que não parei no portão para a cumprimentar, embora a tenha ouvido proferir um «Olá» numa voz algo espantada. Limitei-me a responder-lhe «Olá, Neve»,

como se já nos conhecêssemos, quando era evidente que não, e continuei a andar em frente, com o olhar fixo na estrada adiante. «Assustada» é dizer pouco. Quase me benzi. Era como se um mau-olhado tivesse caído sobre ambas.

«MAS A IMAGEM NO VIDRO DESLOCA-SE LIGEIRAMENTE DO CENTRO, DEPOIS PARA A ESQUERDA E EM SEGUIDA PARA A DIREITA, DEPOIS VOLTA PARA O CENTRO, COMO SE SE INTERROGASSE SOBRE O FACTO DE NÃO ESTAR A REFLETIR TUDO O QUE TEM DIANTE DE SI. SEI QUE ACABOU DE ENTRAR UMA RAPARIGA, MAS ONDE É QUE ELA ESTÁ?»

No inverno de 1953, Rapaz Novak chega a uma pequena cidade do Massachusetts, à procura, segundo acredita, de beleza. Aí, conhece Arturo Whitman, um viúvo local, com quem acaba por casar-se, tornando-se madrasta da sua filha, Neve.

Rapaz nunca tinha pensado vir a tornar-se uma madrasta cruel, mas, após o nascimento da sua filha, Ave, o passado familiar de obsessão com a aparência, que julgara ter deixado para trás, começa a ganhar terreno: Ave nasceu com a pele escura, revelando ao mundo que os Whitman são negros de pele clara que se têm feito passar por brancos. Mesmo divididos, Rapaz, Neve e Ave não conseguem deixar de sentir curiosidade uns pelos outros e, na procura por respostas, terão de confrontar a tirania do espelho: quanto poder têm realmente as superfícies?

Inventivo e comovente, *Rapaz, Neve, Ave*, uma transfiguração extraordinária do conto da Branca de Neve, confirma o lugar de Helen Oyeyemi como uma das vozes mais originais e dinâmicas na nova literatura do século XXI.

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-11-6  9 789898 864116 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	